

Sonho e Realizações: Percursos da Minha Vida

Cátia Maria Alves Monteiro

catia.monteiro@ifsc.edu.br

O presente memorial tem como finalidade atender aos requisitos da disciplina de Metodologia de Pesquisa do Curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT). Entretanto, para além disso foi um exercício de memória bastante significativo, porque revisitar minha trajetória acadêmica e profissional me possibilitou refletir sobre os anseios e as expectativas que instigaram minhas escolhas. Assim, relato de maneira sucinta algumas situações vividas, desafios encontrados, sonhos que permaneceram adormecidos mas não esquecidos, destacando a importância do Curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), por sua contribuição para a minha formação acadêmica e profissional, bem como, para o meu crescimento individual, uma vez que simboliza o resgate de um sonho de adolescência.

APRESENTAÇÃO

Nasci numa pequena e agradável cidade no interior do estado de Minas Gerais, chamada Taiobeiras e sou a oitava filha de uma família de dez irmãos. Cresci ouvindo meus pais dizerem “se quiser ser alguém na vida é preciso estudar”, por este motivo saí da casa dos meus pais aos dezesseis anos e aos vinte um anos a convite da minha irmã mais velha cheguei em Santa Catarina. Aqui conheci meu esposo, me casei e me tornei mãe do Matheus. Meu filho, hoje com dezenove anos, faz graduação em Engenharia Elétrica no Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC, no Campus Itajaí. Minha família de longe e de perto, representa o meu referencial de vida e de afeto, sendo os maiores incentivadores em todas as minhas conquistas.

FORMAÇÃO BÁSICA

Embora tenha estudado até a quarta série primária, minha mãe era a pessoa com maior escolaridade do local em que morava, Fazenda Mato Cipó, e isso fez com que se tornasse a alfabetizadora das filhas e filhos que nasciam naquele local e que não podiam ir para uma cidade maior para estudar. Após o casamento com o meu pai, na época já comerciante, migraram para um município próximo com maiores oportunidades.

O arranjo socioeconômico do município de Taiobeiras voltado para as atividades agrícolas e para o comércio, favoreceu que a oferta dos cursos de nível médio na minha cidade fossem Magistério e Técnico em Contabilidade, ambos ofertados em escolas estaduais, visando a inserção no mercado de trabalho. Atualmente, o município possui duas escolas particulares que ofertam ensino médio voltado para a preparação para o vestibular. Devido a esses fatores e pela influência materna, minhas irmãs mais velhas optaram por fazer o curso de magistério e meus irmãos, o curso Técnico em Agrícola ofertado no município vizinho (Salinas - MG), pela Escola Agrícola, hoje Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG). Com professoras alfabetizadoras na família (mãe e irmãs mais velhas) foi natural que as duas filhas menores, minha irmã e eu, fôssemos alfabetizadas antes mesmo de frequentar a escola. E quando nesta ingressei, a

professora no intuito de me manter ocupada me colocava para auxiliar os demais colegas, o que me fez descobrir desde muito cedo que tal qual minha mãe e irmãs também seria professora. Assim, ao ingressar no segundo grau, continuava a mesma oferta de cursos na cidade, então optei pelo curso de Magistério.

Todavia, desde a minha adolescência sonhava em fazer Psicologia, curso ofertado somente em outros municípios maiores e na intenção de dar continuidade aos meus estudos, quando estava cursando o segundo ano de magistério, aos dezesseis anos de idade, convenci meus pais a me deixarem morar em Montes Claros com minha irmã mais velha, de modo que concluí o curso na Escola Estadual Professor Plínio Ribeiro, nesta cidade. Contudo, antes da conclusão minha irmã se casou, retornando para a nossa cidade natal e meu pai já havia determinado caso eu decidisse permanecer em Montes Claros após os dezoito anos, seria por minha conta e risco, então tive que começar a trabalhar para arcar com minhas despesas pessoais e de habitação. Após a conclusão do ensino médio, não querendo abrir mão do meu sonho, passei no vestibular para o curso de Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia (FAFIL), porém sem conseguir uma vaga como professora, tive que encarar um trabalho no comércio, cujo salário não era suficiente para arcar com todas as despesas. Então, bastante frustrada, tive que desistir do curso e também retornar à minha cidade natal.

4. TRAJETÓRIA ACADÊMICA E PROFISSIONAL – O FEIJÃO E O SONHO

A minha formação acadêmica sempre esteve atrelada à minha atuação profissional, motivo pelo qual não poderia descrever uma sem mencionar a outra. Durante a minha infância e adolescência fui acometida por um quadro crônico de alergia que me impossibilitava de frequentar as aulas regularmente. Então preenchia meu tempo fazendo as lições que os meus colegas me traziam e lendo. Sem poder sair para brincar com a molecada, os livros acabaram se tornando os meus melhores amigos de infância. Desta forma, quando comecei a escrever sobre a minha trajetória acadêmica, me lembrei do livro “O feijão e o sonho”, que havia lido na adolescência. O livro do autor Orígenes Lessa, publicado em 1938, conta a história do casal Carlos Lara, poeta, sonhador, que queria viver da literatura e a mulher, Maria Rosa, realista, preocupada com as despesas da casa, exigia que o marido trabalhasse para suprir as necessidades da família. Esta situação antagônica gerava um embate entre os dois, levando o personagem Carlos Lara a viver em conflito entre a necessidade de ganhar dinheiro e o desejo de perseguir os seus ideais.

De certa forma, o conflito vivido pelo personagem Carlos Lara é o mesmo vivenciado pela grande maioria do povo brasileiro e foi o que marcou minha trajetória acadêmica, sempre tendo que escolher entre o sonho de prosseguir os estudos e ter que trabalhar para me sustentar. Após a minha tentativa frustrada de sair de casa aos dezesseis anos com o objetivo de prosseguir meus estudos, retornei à Taiobeiras e me deparei com uma grande quantidade de recém formadas em magistério buscando vagas como professora. Diante disso, consegui uma vaga somente como professora substituta por três meses, na zona rural. Era uma turma multisseriada, com faixa etária de seis a nove anos e o nível de aprendizagem dos alunos de primeira e segunda séries. Apesar do pouco tempo, foi uma experiência interessante pelas características peculiares dos alunos, a principal delas, a simplicidade. Mesmo enfrentando dificuldades de deslocamento até a escola (alguns a pé, outros a cavalo) e de chegarem cansados e empoeirados, eles não perdiam o ânimo em aprender, escrever o próprio nome era uma verdadeira conquista para eles. Após essa experiência não consegui outra vaga como professora e acabei trabalhando como assistente administrativo em outras empresas.

Aos vinte um anos, sem muitas perspectivas, novamente recebi o convite da minha irmã mais velha, agora para morar em Santa Catarina, precisaria apenas custear os estudos, porque moradia e alimentação

estariam garantidas. Não hesitei um instante e embarquei para a cidade de Navegantes. Em solo catarinense, meu primeiro trabalho foi como atendente em uma farmácia e um ano depois retornei ao magistério através de concurso público como professora de Educação Infantil e Séries Iniciais da Secretaria Municipal de Educação de Itajaí. Minha primeira turma era bastante heterogênea, uma terceira série composta por quarenta e três alunos compreendendo uma faixa etária de nove a dezesseis anos, cada aluno apresentando um nível de aprendizagem diferente. Por um lado, trabalhar com tamanha diversidade foi uma experiência interessante porque enriqueceu o meu trabalho, por outro lado, foi um grande desafio tendo sempre que buscar estratégias para manter os alunos com menos dificuldades entretidos para poder atender aos alunos com maiores dificuldades. No ano seguinte, optei por trabalhar com educação infantil com uma turma de alunos com idade entre quatro e cinco anos, homogênea não apenas em relação à idade mas quanto ao nível de aprendizagem também. Eram crianças iniciando sua vida escolar, tendo que enfrentar o desafio de separar-se dos pais e do ambiente familiar. Como professora, o maior desafio foi conhecer o limite entre ser tia ou professora, tendo que estabelecer o equilíbrio entre o educar e o cuidar, a autoridade e o afeto.

Após dois anos, já casada e efetivada no município de Itajaí, com uma profissão estável, retomei ao objetivo de fazer uma faculdade. Entretanto, descobri que mesmo o salário de professora sendo um pouco melhor que o do comércio, não daria para pagar a mensalidade do curso de Psicologia, ao qual pretendia fazer. Nesse ínterim, meu esposo estava com uma situação econômica estável e propôs pagar minha faculdade. Como as aulas do curso de Psicologia eram no mesmo período que estava trabalhando, acabei por pedir demissão do cargo de professora e voltei a estudar, ingressando no curso de Psicologia da Univali. Parecia de fato que meu sonho estava se realizando.

No entanto, no terceiro ano do curso, ocorreu uma crise no ramo de pneus, no qual meu esposo trabalhava, que o levou a fechar a empresa fazendo com que a nossa situação financeira ficasse bastante difícil. Em janeiro de 1999, nasceu meu filho Matheus, uma grande alegria para a minha vida, porém com as condições econômicas desfavoráveis e uma criança recém nascida para cuidar, sem condições de continuar mantendo o curso, acabei trancando a matrícula não conseguindo mais retornar.

Dois anos depois, com a situação financeira ainda não restabelecida e com o filho um pouco maior, tive que retornar ao mercado de trabalho, ingressando na Companhia Catarinense de Águas e Saneamento (CASAN) através de concurso público. A empresa oferecia bolsa auxílio aos funcionários que quisessem fazer uma faculdade, desde que o curso tivesse relação direta com as funções exercidas na empresa, então em 2009 fiz o curso de Tecnologia em Gestão Pública na modalidade de educação a distância (EaD) pela UNINTER. Como trabalho de conclusão de curso foi realizada pesquisa quantitativa sobre o município de Navegantes. Apesar de não ter sido uma escolha propriamente dita, o curso em Gestão Pública favoreceu a minha atuação na Casan e também no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), no qual ingressei em abril de 2012 no Campus Itajaí, no cargo de Assistente em Administração.

Iniciei minhas atividades no IFSC - Campus Itajaí na Coordenadoria de Materiais e Finanças, na qual fiquei lotada por dois anos, mas sem a menor afinidade, sempre buscando migrar para outro setor. Assim, contemplando uma vaga para o setor de Gestão de Pessoas, em 2014 fiz uma especialização em Pedagogia Empresarial Corporativa, também na modalidade à distância pela UNINTER, com o tema de pesquisa relacionada à flexibilização da jornada dos técnicos administrativos em educação que resultou no artigo “ A flexibilização da jornada de trabalho e sua contribuição para a qualidade de vida dos servidores Técnicos Administrativos em Educação (TAEs) do Campus Itajaí.”

Atualmente lotada na Secretaria Acadêmica, vinculada ao Departamento de Ensino (DEPE), na qual fui coordenadora por um ano, compreendo que a secretaria exerce uma função estratégica dentro do Campus, fazendo a ponte de contato entre a instituição e os alunos e entre a instituição e o público externo. Portanto, é um dos espaços no qual são registradas muitas das necessidades, dúvidas, críticas e sugestões, tanto da comunidade interna quanto externa. Neste sentido, o Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) vem ao encontro das minhas expectativas pelo fato de propiciar que as pesquisas estejam relacionadas às necessidades retratadas no nosso campo de atuação profissional e o projeto de pesquisa partir de um problema real, ligado ao contexto e ao cotidiano do pesquisador. Também pelo fato das soluções propostas poderem ser aplicadas no decorrer do curso, o que possibilita aplicar o conhecimento adquirido na prática.

Sem dúvida, isso irá contribuir para melhorar o desempenho da instituição, bem como, aprimorar o meu desenvolvimento individual.

INTENÇÕES DE PESQUISA

As leituras e discussões acerca do trabalho e da educação para o trabalho durante as aulas, ampliaram o meu entendimento e a perspectiva da pesquisa estar relacionada ao nosso cotidiano e a sua conclusão possibilitar a aplicação prática do conhecimento adquirido através de um produto educacional, ofereceu subsídios para que eu pudesse refletir sobre a minha atuação profissional no sentido de ficar atenta aos problemas que o campus apresenta, buscando possíveis soluções e alternativas para propor alguma intervenção.

O Campus Itajaí, como toda escola pública apresenta diversos problemas, que vão desde a infraestrutura até as dificuldades didático-pedagógicas. Diante disso, busquei elencar como possibilidades de pesquisa questões mais diretamente relacionadas ao meu campo de atuação no campus.

O Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio prepara para o mercado de trabalho ou para dar continuidade aos estudos?

Essa é uma das perguntas mais frequentes quando o público externo solicita informações sobre os cursos técnicos integrados ao ensino médio. Naturalmente respondo que por se tratar de um curso em período integral, possibilita ao aluno um maior aproveitamento do curso, o que favorece a continuidade nos estudos.

Ao final do corrente ano, haverá a formatura da primeira turma do curso Técnico em Mecânica Integrado do Campus Itajaí. Realizar uma pesquisa junto aos alunos egressos desse curso após o primeiro semestre, seria uma boa oportunidade para responder esta pergunta, no intuito de identificar se a formação adquirida com o curso Técnico em Mecânica Integrado ao Ensino Médio influenciou a tomada de decisão para inserção no mercado de trabalho ou no prosseguimento dos estudos?

O produto educacional poderá ser a implementação de um Programa de Acompanhamento ao Egresso que o campus ainda não possui. E o resultado da pesquisa de acompanhamento pode gerar um relatório que oferecerá subsídios para docentes e equipe pedagógica avaliar sua prática pedagógica em relação aos objetivos propostos pelo curso e realizar possíveis intervenções junto às turmas em andamento dos cursos técnicos integrados ao ensino médio.

Programa de Acolhimento ao Discente Ingressante (PADI)

A evasão é um dos maiores problemas enfrentados pelas escolas em geral e o Campus Itajaí não é diferente. Buscando elevar os índices de permanência e êxito no campus, o Departamento de Ensino (DEPE) deu início a um projeto de extensão, sendo que um dos objetivos é realizar processo de acolhimento e acompanhamento do desenvolvimento global do estudante. Na prática, o acolhimento dos alunos tem sido feito através de reunião com os pais dos alunos dos cursos técnicos integrados ao ensino médio, a recepção dos alunos e apresentação do campus no primeiro dia de aula; sendo o acompanhamento direcionado apenas para as questões pedagógicas. As demandas sobre processos acadêmicos, identificação dos setores e servidores e utilização dos espaços no ambiente institucional são apreendidas conforme o aluno sente necessidade. A grosso modo, o aluno ingressante acaba tendo que se virar, o que para alguns alunos se constitui uma dificuldade na adaptação levando-os a evadirem nas duas primeiras semanas de aula.

Com o objetivo de diminuir o índice de evasão nos primeiros quinze dias de aula, o Programa de Acolhimento ao Discente Ingressante (PADI) irá otimizar o acolhimento aos discentes ingressantes já feito pelo campus a cada início de semestre letivo, de forma integrada e articulada entre Secretaria Acadêmica, Registro Acadêmico, Biblioteca, Coordenadoria Pedagógica, Setor de Comunicação, Estágio e Relações Externas, Coordenadoria de Tecnologia da Informação (TI) e Coordenação de Curso, que são os setores que apresentam envolvimento direto ou indireto com os alunos. A aplicação do produto deverá acontecer na primeira semana de aula, apresentando as informações necessárias para que o discente ingressante desenvolva maior autonomia dentro do contexto escolar, o que irá favorecer sua adaptação ao novo ambiente.

O barco escola “Aprendendo com o Mar” como ferramenta de divulgação para potencializar o ingresso nos cursos técnicos de Recursos Pesqueiros e Aquicultura do Campus Itajaí

O Campus Itajaí dispõe de uma importante ferramenta pedagógica, que é o barco escola “Aprendendo com o Mar”. A embarcação é um catamarã com mais de doze metros de comprimento que tem capacidade para receber até trinta alunos e vem sendo utilizada em aulas práticas dos cursos técnicos em Recursos Pesqueiros e Aquicultura, para os cursos de qualificação de Pescador Profissional e de Pescador Especializado e da pós-graduação em Ciências Marinhas Aplicadas ao Ensino.

A sugestão de pesquisa é buscar alternativas para potencializar a utilização do barco escola na divulgação dos cursos técnicos da área de Recursos Naturais com o objetivo de aumentar o índice de ingresso desses cursos que são significativamente menor que dos demais cursos técnicos ofertados pelo campus. O produto educacional poderá ser um roteiro de aula-passeio elaborado em conjunto com a equipe pedagógica dos cursos, no qual sejam contemplados assuntos referentes às questões ambientais e econômicas, aproveitando o fato de estarmos em uma região portuária, fazendo concomitantemente, a divulgação dos cursos ofertados pela área.

Conheça o NAPNE

Desde o início deste ano, os editais de ingresso do IFSC ofertam vagas para pessoas com deficiência (PcD). Assim, cada vez mais o campus Itajaí estará recebendo alunos com deficiência. Como membro do NAPNE, percebo que a comunidade acadêmica do campus desconhece ou possui pouca informação sobre

o Núcleo de Atendimento a Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNE). Em atenção a esses fatores, considero de suma importância que a comunidade acadêmica saiba que o campus dispõe de um setor específico para atender às pessoas com deficiência, com o objetivo de contribuir na implementação de políticas de acesso, permanência e conclusão com êxito dos alunos com necessidades específicas e de atender esses alunos bem como aos seus professores. O produto educacional poderá ser um informativo sobre o NAPNE, apresentando sua composição, legislação, atribuições e atividades que realiza no campus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao resgatar minhas memórias para escrever este memorial percebi que além de aprimorar minha formação acadêmica e atuação profissional, o Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) simboliza o resgate de um sonho de adolescência, quando aos dezesseis anos de idade saí da casa dos meus pais para prosseguir meu estudos.

Apesar de perceber que o caminho percorrido foi longo, totalmente fora do planejado e do tempo desejado, foi um exercício de memória bastante significativo porque me possibilitou compreender que embora nem tudo tenha sido do meu jeito prossegui caminhando, vivendo e aproveitando cada oportunidade que a vida me ofereceu para que o meu sonho se realizasse. Tal como afirma Antonio Machado em sua poesia Cantares: “Caminhante, não há caminho, se faz caminho ao andar”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LESSA, Orígenes. O feijão e o sonho. 49. ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

Machado, Antonio. Cantares. Tradução de Maria Teresa Almeida Pina. Disponível em: <<http://blogs.utopia.org.br/posesialatina/cantares-antonio-machado/>>. Acesso em: 7 set. 2018.

NEVES, L. M. W.; PRONKO, M. A. O mercado do conhecimento e o conhecimento para o mercado: da formação para o trabalho complexo no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: EPSJV/Fiocruz, 2008.

